

Termos ambíguos do debate político atual: pequeno dicionário que você jovem não sabia que existia

Realização: Observatório de Sexualidade e Política (SPW) e Programa Interdisciplinar

de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UFRJ

Coordenação: Sonia Corrêa

Texto: Janine Pimentel e Raphael Ferreroni

Edição: Janine Pimentel

Ilustrações e capa: Carol Ito (@carolito.hq)

Projeto gráfico: Agência FW2 / http://www.fw2.digital

ISBN nº: 978-65-87854-18-2

O Observatório de Sexualidade e Política (SPW) é um projeto da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA).

Av. Presidente Vargas, 446, 13º andar Rio de Janeiro/RJ – 20.071-907 – Brasil

Telefone: +55 21 2223-1040 Site: http://www.sxpolitics.org





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

```
Pimentel, Janine
Termos ambiguos do debate político atual
[livro eletrônico]: pequeno dicionário que você
jovem não sabia que existia / Janine Pimentel,
Raphael Ferreroni; coordenação Sonia Correa;
ilustração Carol Ito. -- 2. ed. -- Rio de Janeiro:
Associação Brasileira Interdisciplinas de Aids -
ABIA, 2023.
PDF
ISBN 978-65-87854-18-2

1. Ciências políticas 2. Conservadorismo
3. Eleições - Dicionários 4. Gêneros - Estudos
5. Linguística - Dicionários 6. Política - Brasil
7. Política - Dicionários 8. Sociolinguística
I. Ferreroni, Raphael. II. Correa, Sonia.
III. Ito, Carol.
```

Índices para catálogo sistemático:

1. Debate político : Dicionários : Ciência política 324.03

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário ______

Autoras e autores	. 04
Em outras palavras	. 07
"Ideologia"	. 10
"Marxismo Cultural"	. 14
"Politicamente correto"	18
"Globalismo"	. 22
"Ideologia de gênero"	. 26
"Feminismo"	. 30
"Linguagem Neutra"	. 34
"Identitarismo"	38
"Racismo Reverso"	. 42
"Cristofobia"	. 46
"Patriotismo"	50
"Cidadão de bem"	54
"Liberdade"	. 58
"Família"	. 62

Autoras e Autores

"IDEOLOGIA" E "MARXISMO CULTURAL"

Sonia Corrêa é ativista e pesquisadora nos temas de gênero, sexualidade, saúde e direitos humanos desde a década de 1970. Com Richard Parker, coordena o Observatório de Sexualidade e Política/Sexuality Policy Watch (SPW), um programa da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA). Coordena o projeto de pesquisa transnacional "Políticas Antigênero na América Latina" e foi pesquisadora visitante do Departamento de Gênero da London School of Economics.

"POLITICAMENTE CORRETO"

Nana Soares é jornalista e pesquisadora com foco em gênero e sexualidade. Mestre em Gênero e Desenvolvimento pela University of Sussex, é assistente de comunicação e pesquisa no Observatório de Sexualidade e Política/Sexuality Policy Watch (SPW).

"GLOBALISMO"

Douglas Sanque é doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado examinando as interconexões entre linguagem, sociedade e discurso político e de segurança.

"IDEOLOGIA DE GÊNERO" E "LINGUAGEM NEUTRA"

Rodrigo Borba é professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro onde está lotado no Departamento de Letras Anglo-Germânicas e no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Suas pesquisas investigam as relações entre linguagem, gênero e sexualidade em diversos contextos aplicados. Tem dezenas de publicações nacionais e internacionais. É co-editor chefe do periódico Gender & Language.

"IDENTITARISMO"

Branca Falabella Fabrício é professora-pesquisadora no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ, com foco em performances identitárias de gênero e sexualidade, trajetórias textuais onlineOffline e circulação de afetos em espaços digitais. Coordena o CONTXT/UFRJ, projeto de popularização de conhecimento científico sobre produção-circulação-interpretação

Autoras e Autores

de textos e discursos.

"FEMINISMO"

Carla de Castro Gomes é socióloga. Atualmente, é pesquisadora de pósdoutorado do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, da Unicamp, e bolsista Fapesp (2019/05044-2). Estuda movimentos sociais feministas e conservadores.

"RACISMO REVERSO"

Fátima Lima é antropóloga, professora associada do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé, professora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada PIPGLA/UFRJ, professora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais PPRER/CEFET/RJ, coordenadora do "ORI - grupo de pesquisa em raça, gênero e sexualidade", e colaboradora da ONG Casa das Pretas.

"CRISTOFOBIA"

Janaina Tavares é evangélica, moradora da Baixada Fluminense e atuante na área de Cultura, produção cultural e audiovisual. Licenciada em Letras/Espanhol pela UFRRJ - IM. Pesquisa Letramentos e Narrativas de sobrevivência e esperança no Coletivo de Estudos de Letramentos Contemporâneos (CELeC) e no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na UFRJ, como mestranda.

"PATRIOTISMO"

Raquel Rodrigues atua, no momento, como coordenadora de comunicação do blog http://contxt.letras.ufrj.br/ criado pelo Núcleo de Estudos em Discursos e Sociedade (NUDeS), do qual também participa. Doutoranda e mestra em Linguística Aplicada pelo PIPGLA (UFRJ), é professora de inglês na rede federal de ensino básico, técnico e tecnológico e mãe de dois jovens estudantes.

Autoras e Autores ____

"CIDADÃO DE BEM"

Isabela Kalil é mestre e doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), docente da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) onde pesquisa manifestações políticas no espaço público e no ambiente digital, gênero e conservadorismo. É co-coordenadora do Observatório da Extrema Direita (OED-Brasil).

"LIBERDADE"

José Szwako é doutor em Ciências Sociais pela Unicamp e sociólogo do IESP-UERJ e investiga formas de oposição às ciências (negacionismos, ceticismos, anti-intelectualismo), bem como formas de defesa de instituições científicas. Organizou o "Dicionário dos negacionismos no Brasil" (Editora CEPE).

"FAMÍLIA"

Tatiane Amaral é mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com foco nos temas de gênero, família e sexualidade. É assistente de pesquisa na Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM) da PUC-Rio e assistente no Observatório de Sexualidade e Política/Sexuality Policy Watch (SPW).

TRADUÇÃO INTRALINGUISTICA - DICIONÁRIO VERSÃO JOVEM

Janine Pimentel é PhD em Estudos da Tradução pela Universidade de Montreal (Canadá) desde 2012 e, atualmente, é Professora Adjunta do Departamento de Línguas e Literaturas do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal). Entre 2014 e 2023 foi Professora Adjunta no Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É docente colaboradora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ e lidera o grupo de pesquisa NET - Núcleo de Estudos da Tradução da UFRJ, cadastrado no CNPq.

Raphael Ferreroni tem licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e cursa mestrado no Programa Interdispiclinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma instituição. É integrante do NET - Núcleo de Estudos da Tradução, e pesquisa principalmente a tradução como prática ideológica e ativista.

Você já leu um texto que entendeu muito pouco, porque o assunto era difícil e a linguagem era densa e complicada? Há conceitos no cenário político brasileiro atual que você não tem certeza se compreende bem, ou sobre os quais você gostaria de se aprofundar mais? Quem foi que inventou os termos "ideologia de gênero", "politicamente correto", "marxismo cultural", "racismo reverso" e outros que vemos tanto nas notícias e nas redes sociais?

Neste pequeno dicionário você encontrará respostas para essas e outras perguntas. O objetivo principal de nosso projeto é a difusão de conhecimento científico sobre a terminologia usada no debate político atual. Este dicionário é uma versão adaptada de um outro chamado *Termos ambíguos no debate político atual: pequeno dicionário que você não sabia que existia,* também publicado pelo Observatório de Sexualidade e Política (SPW) em parceria com o Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Ao contrário da primeira versão que dialoga com um público mais amplo, nossa versão adaptada procura chegar a um público mais restrito de discentes do Ensino Médio, além de docentes e, claro, mães, pais, demais familiares, amigas e amigos...

Aqui você encontrará todos os verbetes da primeira versão do dicionário transformados em textos mais curtos e ainda mais descomplicados, graças a um processo de condensação e simplificação textual. Pesquisadores das áreas de estudos da linguagem e estudos de tradução chamam esse processo de "tradução intralinguística": a tradução de um texto dentro da mesma língua, orientada por metas e públicos diferentes.

Quais são as diferenças? As traduções têm menos da metade do tamanho dos textos originais. Enquanto os primeiros textos trazem algumas referências bibliográficas como sugestões de leitura, as traduções procuram oferecer as informações essenciais sem recorrer a tais referências. Além disso, apesar do uso de linguagem descomplicada já ser um objetivo primário dos verbetes, procuramos trazer nessas traduções uma linguagem ainda mais acessível.

Para ter certeza de que esses verbetes são mais simples, usamos uma ferramenta que avalia o nível de dificuldade de um texto, considerando critérios como o número de palavras por sentença, sua extensão e outros fatores linguísticos que tornam um texto mais ou menos acessível. Trabalhamos com esmero para nos certificar de que cada nova versão dos verbetes fosse cada vez mais simples, até chegar a estas versões finais.

Em outras palavras _____

A linguagem acadêmica é alvo frequente de críticas por complexidades desnecessárias, que contribuem para o elitismo e dificultam a divulgação científica. Combater esse paradigma foi uma premissa fundamental desse projeto, e nós esperamos que os textos nas páginas seguintes sejam evidências de algum sucesso nessa empreitada.

Nota sobre a segunda edição

Como mencionamos na introdução da primeira edição, o Pequeno Dicionário dos Termos Ambíguos do Debate Político Atual seria periodicamente atualizado. São muitas as motivações para isso. A primeira delas é a grande *capacidade de adaptação* do campo ultraconservador, especialmente da extrema-direita. Novos termos são inventados conforme os contextos e circunstâncias vão mudando. Alguns são usados para moralizar e despertar ideias velhas, outros para louvar certas agendas políticas. Por isso, esse dicionário é um observatório do campo conservador e sua segunda edição traz seis novos verbetes: "globalismo", "linguagem neutra", "identitarismo", "cidadão de bem", "liberdade" e "família".

Nem todos esses termos são realmente "novos". Por exemplo, "família" e "liberdade" são termos há muito usados pela ultradireita. Basta lembrar das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, convocadas por mulheres ultracatólicas, logo antes do golpe militar de 1964. E em 2016 "família" foi a palavra mais usada pelos parlamentares que votaram pelo impeachment de Dilma Rousseff. Entretanto, desde que Bolsonaro chegou ao poder em 2019, esses dois termos ganharam novos contornos, como veremos nos verbetes.

O termo "cidadão de bem" também não é novo no repertório da direita, mas ele ganhou mais destaque nas eleições de 2018 e desde então nunca mais deixou de circular nas conversas do dia a dia. Foi também nessa época que o termo "globalismo" chegou no vocabulário político nacional, sendo usado nas falas de autoridades públicas e em documentos de política externa.

"Identitarismo" é outro termo com longa história; deriva do termo "política da identidade", amplamente usado na literatura especializada desde a década de 90. Desde o lançamento do Pequeno Dicionário em maio de 2022, porém, o "identitarismo" tem sido moeda corrente no debate político nacional.

"Linguagem neutra" é a maior novidade. Muito embora as práticas de apagamento do gênero na linguagem venham sendo usadas há pelo menos vinte anos, as furiosas

Em outras palavras _____

reações contra elas vêm surgindo há muito pouco tempo, tanto no Brasil quanto no resto do mundo...

O vocabulário da direita está sempre em movimento. É por isso que o dicionário precisa ser atualizado periodicamente. Mas os verbetes da primeira edição não perderam validade! Por exemplo: "Ideologia de gênero" teve um grande papel nas eleições de 2018, mas não tanto em 2022. Isso não significa que ele desapareceu: muito se falou sobre Lula supostamente obrigar o uso de "banheiros unisex" em edifícios públicos, caso eleito. Passado um ano, o fantasma do banheiro unisex ressurgiu, com força, no ataque de um deputado bolsonarista a uma resolução sobre política educacional publicada pelo Conselho Nacional dos Direitos LGBT+. Antes desse episódio, vale dizer, figuras políticas e influenciadores da ultradireita já vinham espalhando discursos sobre a "ideologia transgênero", que supostamente estaria sendo propagada nas escolas.

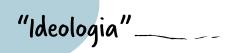
A habilidade de *reinvenção* do campo ultraconservador é outra motivação para a atualização permanente do dicionário. É importante nos questionarmos se a ascensão da extrema-direita no país realmente acabou depois das eleições de 2022. A composição da Câmara de Deputados, a mobilização contra o direito ao aborto, a linguagem inclusiva e a "hormonização das crianças" mostram que a extrema-direita está bastante ativa. Ou seja, não está encerrada a tarefa de conhecer, analisar e contestar seu vasto repertório de termos ambíguos do debate político atual!

Boa leitura!

"Ideologia"_



@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS



Ideologia é uma palavra comum, porém mais complexa do que aparenta. Esse verbete mostra por que ela é tão importante e como o conceito tem sido usado por forças conservadoras e de extrema direita.

DOS ILUMINISTAS AO MARXISMO

Durante a Revolução Francesa, no século 18, o filósofo Destutt de Tracy criou o conceito de "ideologia" para nomear a "ciência das ideias". O objetivo desse novo método científico era examinar como as ideias surgem, se reproduzem e desaparecem. Esse método não agradou Napoleão, que acusou Tracy de ser antipatriota.

No século seguinte, Marx e Engels refletiram bastante sobre ideologia. Para eles, a separação entre ideias e matéria é artificial, ao contrário do que se dizia nas teses originais sobre ideologia. Não é a consciência que determina a existência humana; na verdade, são as condições materiais da existência humana (ou seja, o meio) que determinam as consciências.

Daí surgiu uma primeira interpretação: a ideologia é como um véu que encobre a dominação e a exploração no capitalismo. Ideologia seria *falsa consciência*. Porém, Marx e Engels também usaram o conceito para falar sobre as ideias que explicam as desigualdades e injustiças do mundo. Essas duas interpretações continuam existindo hoje.

Mais tarde surgiram outras elaborações do conceito "ideologia", que foram imediatamente criticadas pelas vozes mais conservadoras, inclusive o próprio Papa. Essas críticas colocavam "ideologia" e "marxismo" no mesmo barco, o que é incorreto, já que o conceito foi criado por um intelectual do liberalismo político – Destutt de Tracy.

O MARXISMO-LENINISMO

Foi o pensamento marxista que deu origem ao comunismo e inspirou o surgimento dos partidos políticos socialistas. Dentro deste movimento, a vertente marxista-leninista também deu uma nova interpretação à palavra "ideologia". Segundo Lênin, as relações econômicas são a base das relações ideológicas. Já o Stalinismo propôs um paradigma ainda mais simples, em que o marxismo, como "ideologia do proletariado", se opõe à "ideologia burguesa".



Ao mesmo tempo que os movimentos comunistas avançavam nessa época, discursos anticomunistas também ganhavam terreno, principalmente no campo do fascismo. Essa polarização entre comunistas e anticomunistas culminou na Segunda Guerra, se intensificou durante a Guerra Fria, e não desapareceu com a queda do Muro de Berlim em 1989.

OUTROS MODOS DE CONCEBER IDEOLOGIA

É longa a lista de autores de esquerda que se dedicaram a pensar a questão da ideologia desde o início do século 20. Uma dessas pessoas foi o socialista italiano Antonio Gramsci. Perseguido e condenado pelo regime de Mussolini, Gramsci procurou novos modos de pensar o problema, inclusive para explicar a adesão de boa parte da população italiana ao fascismo.

Para ele, ideologia era "um teatro das ideias". Gramsci defendeu que a conexão entre ideias, por um lado, e a materialidade da condição humana, por outro, não é linear, nem uma mera relação de causa e efeito. Ideologia está em toda a parte: na cultura, na memória histórica, na arte, nos meios de comunicação e também no senso comum. As ideias de Gramsci foram muito importantes para as democracias na Espanha, em Portugal e na América Latina. Inesperadamente, a partir dos anos 1970, também seriam usadas pelo campo conservador...

O "FIM DA IDEOLOGIA"?

Entre 1970 e 1990, os debates sobre ideologia mudaram bastante. A esquerda questionou a visão marxista da história e da economia e, aos poucos, deslocou a "ideologia" para a linguagem e o discurso. A ideia agora é que o nosso modo de ver e analisar o mundo está muito ligado à nossa forma de falar sobre ele. A crítica da dominação e da exploração essenciais ao capitalismo não foi abandonada, mas surgiram novas perspectivas sobre as desigualdades entre as raças, os gêneros e as sexualidades.

Ao mesmo tempo, alguns autores da direita e do centro escreviam sobre "o fim das ideologias". Para eles, as diferenças entre o capitalismo e o comunismo vinham diminuindo desde a Segunda Guerra, pois ambos aderiram ao industrialismo. Porém, suas teses não incluíam o problema das desigualdades que existiam entre o mundo industrializado e o resto do globo.

"Ideologia"____

O REGRESSO DA "IDEOLOGIA"

A partir do final dos anos 1970, a direita reativou vários usos do termo "ideologia". Conservadores religiosos, sobretudo católicos, mas também vozes seculares passaram a investir na luta pela sua hegemonia política a partir de uma releitura deturpada de Gramsci. Trinta anos mais tarde, os efeitos políticos e eleitorais desse investimento seriam visíveis na Europa, na América Latina e nos EUA.

Hoje, no Brasil, e em muitos outros contextos, forças da direita usam e abusam do termo "ideologia" como acusação de *falsa consciência*. Elas fazem parecer que quem propaga "ideologia" são sempre os outros, e que elas mesmas seriam ideologicamente neutras.

PARA CONCLUIR

Como vimos, o conceito de ideologia tem recebido muitas interpretações, algumas até contraditórias. Boa parte das críticas atuais feitas pela extrema direita contra "ideologia" devem muito a um pensador italiano do final do século 19 chamado Vilfredo Pareto. Segundo Pareto, ideologia é uma *deformação* decorrente de crenças individuais que nunca devem ser relacionadas com questões econômicas, sociais e políticas. Para este admirador de Mussolini, a democracia é uma fraude. Os mais capazes e vigorosos sempre serão poderosos, enquanto os mais fracos estão fadados a morrer. Conhece mais alguém que pensa assim?

"Marxismo (ultural"_









@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS

"Marxismo (ultural"

Em um artigo de 2018 sobre o futuro governo Bolsonaro, o cientista político Marcos Nobre afirmou que uma "revolta conservadora" estava acontecendo no Brasil. Essa revolta está ligada à reorganização do pensamento conservador e sua invenção da fórmula do "marxismo cultural", muito usada desde então.

UM MARCO FUNDAMENTAL

O termo surgiu nos EUA em 2003 numa publicação organizada por William Lind, uma figura conhecida do campo ultraconservador. Os textos aí reunidos juntavam muitas pontas soltas do pensamento conservador, que vinha se reorganizando desde os anos 1970:

"De onde vêm todas essas coisas que se ouve falar – o feminismo, o movimento gay, as estatísticas inventadas, a história reescrita, as mentiras, os protestos e todo o resto?(...) Nós chamamos isso de discurso "politicamente correto". É a doença da ideologia... Politicamente correto é igual a marxismo cultural... É marxismo traduzido de termos econômicos para termos culturais."

Como se pode ver, esse discurso gira em torno da ideia de que o feminismo e a democracia sexual são criações marxistas. Não é uma ideia nova, já tendo sido usada por fascistas na primeira metade do século XX.

Os argumentos de William Lind foram propagados dentro e fora dos Estados Unidos. Lind tem vínculos com o Brasil, pois trabalhou com Paul Weyrich, um colaborador de Plínio Correia de Oliveira, fundador da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Em anos recentes, suas ideias circularam por muitos canais de disseminação do pensamento de direita, como nos escritos de Olavo de Carvalho e no livro *A Verdade Sufocada*, escrito pelo coronel Brilhante Ustra.

CONSOLIDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Em 1989, William Lind já havia publicado um artigo argumentando que a disputa entre socialismo e capitalismo já não se dava mais da forma bélica tradicional. Essa tese vinha da leitura que ele e outros conservadores fizeram de autores marxistas dedicados a pensar "ideologia", como Georg Lukács, a Escola de Frankfurt e Gramsci. Essa releitura ficou conhecida como "giro Gramsciano da direita". Dela resultou a tese de que, diante da impossibilidade da revolução econômica, as esquerdas haviam começado desde os anos 1960 uma guerra pela hegemonia cultural. Para tal, estariam mobilizando demandas crescentes em torno de raça, etnia, gênero,

"Marxismo (ultural"

migração e meio ambiente. Essa narrativa, que desloca o foco do inimigo externo para inimigos internos, foi sintetizada no tal folheto de 2003.

Seis anos antes, porém, essa associação já tinha sido feita por duas figuras ultracatólicas: a norte-americana Dale O'Leary e o padre belga de alto escalão Schooyans. Seus livros argumentavam que o "feminismo do gênero" ou a "ideologia de gênero" eram farsas ideológicas encobrindo uma estratégia totalitária marxista. O termo "marxismo cultural", contudo, não era usado nesses livros. A fusão entre "ideologia de gênero" e "marxismo cultural" foi feita muito mais tarde, no *Livro Negro da Nova Esquerda*, dos argentinos Agustín Laje e Nicolas Marques.

A REVOLUÇÃO CONSERVADORA

Desde os anos 1970, os ultraconservadores religiosos e a direita secular abandonaram sua postura reacionária clássica e, com base na leitura de textos marxistas (que abominam), desenharam estratégias políticas para disputar a cultura e política. Assim como proposto por Gramsci, passaram a trazer suas ideias para os espaços da vida cotidiana, para a esfera pública e para dentro das instituições.

Essas "revoltas conservadoras" ocorrem onde há condições democráticas para que elas prosperem. Porém, seu objetivo de longo prazo é corroer as democracias. A entrada da política no mundo digital ajudou o campo conservador a se reorganizar a partir dos anos 1990. O poder da imprensa tradicional foi reduzido e as comunicações entre líderes políticos e seus eleitorados passaram a acontecer sem mediação institucional. Assim começou a nova era do populismo digital.

"MARXISMO CULTURAL" NO BRASIL: DO PRESENTE AO PASSADO

O termo "ideologia de gênero" chegou ao Brasil por vários canais, depois que a esquerda se instalou no poder no começo dos anos 2000. A tese de William Lind sobre "marxismo cultural", por exemplo, chegou ao ambiente militar brasileiro através de conexões com o campo norte-americano de estudos estratégicos. A partir de 2017 começam a circular no país os argumentos do *Livro Negro da Nova Esquerda*, cuja narrativa inundaria a campanha eleitoral de 2018 quando "ideologia de gênero" e "marxismo cultural" foram pintados como as duas caras do projeto comunista que pretendia dominar o Brasil.

"Marxismo (ultural"

Mas há sinais de que a associação entre "revolução cultural" e marxismo tenha circulado no Brasil muito antes dos anos 2000. Segundo o historiador norteamericano Benjamin Cowan, a colaboração entre Paul Weyrich e Plinio Correia de Oliveira, iniciada nos anos 1960, inaugurou conexões de longo prazo entre a direita católica e evangélica nos dois países. Retrocedendo um pouco mais, encontramos outras pistas curiosas em um livro publicado em 1945 por Plínio Salgado, um dos mentores principais do Integralismo, a versão brasileira do fascismo. No capítulo sobre "Neo-Marxismo", Salgado argumenta que os neomarxistas usam conceitos como liberdade de consciência, fraternidade, justiça e integridade humana para confundir autoridades e ocultar suas "verdadeiras intenções políticas".

Assim sendo, o uso do "neo-marxismo" para incitar pânicos políticos é coisa muito antiga no Brasil. E os escritos desses dois autores até sugerem que nosso país talvez não seja um mero receptor das narrativas criadas nos EUA e na Europa desde os anos 1970. Talvez o pensamento conservador brasileiro tenha contribuído para a fabricação do assim chamado "marxismo cultural".

"Politicamente correto"_









@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS

"Politicamente correto"_____

- Tamo de volta. Essa latinha ficou animal!
- Sshh! Não fala assim não, meu irmão, algum animal pode se ofender.
- O mundo anda muito sensível...

O QUE É SER "POLITICAMENTE CORRETO"?

Este é o diálogo que abre um comercial de 2016 de uma grande marca de refrigerantes. Os dois limões, que são a imagem da marca e conhecidos pelo sarcasmo, ironizam o "politicamente correto" da sociedade. Esse mesmo comercial recebeu mais de 50 queixas e foi julgado e arquivado pela entidade que fiscaliza a publicidade no Brasil, o CONAR.

Este caso levou a muitas discussões sobre o "politicamente correto" no Brasil. Na verdade, os debates sobre o termo já vinham desde os anos 90 devido a diferentes visões que as pessoas têm sobre a relação da linguagem com o mundo. Nestas três décadas, o sentido da expressão "politicamente correto" mudou um bocado, e atualmente ela é usada em tom de ironia, crítica ou como forma de contestar a autoridade. É a ideia do comercial de refrigerante de 2016.

HISTÓRIA DO TERMO

No fim do século XVIII, nos EUA, o termo significava exatamente o oposto. Ou seja, era usado para denotar visões e ações políticas corretas e justas. Um sentido equivalente também existia na União Soviética. Aqui o termo se aplicava a visões e ações que estavam de acordo com a "linha correta" do Partido Comunista, mesmo quando pudessem ser eticamente contestáveis.

Já nos EUA dos anos 1960, universitárias e universitários de esquerda criticavam o machismo e o racismo como práticas que não eram politicamente corretas. Mas nos anos 80, o "politicamente correto" sai do vocabulário dos estudantes de esquerda e passa para os de direita. Esses usam o termo para ditar o que poderia ser pensado e falado nas salas de aula.

No Brasil, o termo ganhou popularidade a partir dos anos 90 e explodiu no início dos anos 2010. A seguinte linha do tempo ilustra bem esse processo:

"Politicamente correto"____

- 1. **Anos 90:** Saem diversos artigos na imprensa e nos meios acadêmicos. Nessa época, não há uma tendência dominante de crítica ou defesa do termo, havendo grande polarização.
- 2. **2004:** O governo federal lança a publicação "*Politicamente correto e direitos humanos*", que ficou conhecida popularmente como "cartilha do politicamente correto". A publicação trazia uma série de palavras e expressões cotidianas e explicava por que elas eram ofensivas. Foi suspensa em 2005, após receber muitas críticas.
- 3. **Anos 2010:** São publicados alguns livros com títulos ridicularizando o "politicamente correto". Um exemplo é o "*Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*", que foi um campeão de vendas e contribuiu para a imagem do politicamente correto como estratégia política da esquerda.

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM

O "politicamente correto" segue no vocabulário brasileiro, descrevendo expressões, ações ou políticas que evitam ofender e/ou excluir grupos de pessoas (mulheres, negros/as, indígenas e pessoas com deficiência). Porém, como explicado antes, a expressão é geralmente utilizada em tom de crítica, ironia ou desqualificação destas práticas de linguagem inclusiva. Os críticos negam a existência da desigualdade que o politicamente correto busca combater, ou dizem que substituir palavras não faz diferença. Por outro lado, os defensores do politicamente correto alegam que a substituição não é a única estratégia para alterar a desigualdade social, mas é uma das possíveis para visibilizar os preconceitos que existem na linguagem.

Para além da linguagem, o politicamente correto suscita um debate político mais amplo. Não por acaso, os debates sobre o politicamente correto esquentaram no Brasil justamente quando as feministas, a população negra e pessoas com deficiência, entre outros, ganharam espaço e relevância política. De um lado, os críticos do politicamente correto argumentam que a liberdade de expressão é um direito absoluto, individual e universal. Por outro lado, os defensores argumentam que esse direito não deve se sobrepor a outros, tal como estabelece a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Embora o politicamente correto, no Brasil, esteja associado ao avanço de pautas de direitos das minorias (já aqui mencionadas e que são tradicionalmente defendidas pela esquerda), ele não recebe críticas apenas do campo da direita. Pelo contrário,

"Politicamente correto"_____

o politicamente correto também é disputado no campo das esquerdas, pois o termo carrega a contradição de dar visibilidade a novas lutas políticas utilizando armas antigas como o policiamento da linguagem.

Em suma, o uso do "politicamente correto" não é exatamente uma novidade, mas nos dias de hoje o termo está instalado no centro de um campo de batalha. Perguntar-se sobre como, onde e por que empregá-lo é uma interrogação legítima e necessária. Assim como é importante pensar quem pode estar sendo deixado de fora com nossas escolhas linguísticas.

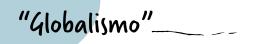
"Globalismo"_











Em 2019, Ernesto Araújo (Ministro das Relações Exteriores de Bolsonaro) discursava sobre a perigosa "marcha do globalismo", ecoando o que Donald Trump pensa sobre o assunto. Ao estabelecer oposições entre "globalismo" e "patriotismo", governos como os de Bolsonaro e Trump estão criando vilões para suas narrativas políticas.

Este verbete discute as principais abordagens sobre o tal "globalismo", começando pelas diferenças entre ele e um outro termo mais conhecido: globalização...

O QUE É GLOBALIZAÇÃO?

É a integração do mundo através de mercados em comum. Esses mercados são criados por acordos de livre comércio, pela formação de blocos econômicos, e por outras parcerias comerciais, por exemplo. O processo de globalização acelerou muito com o fim da União Soviética em 1991 e a integração dos ex-membros do bloco ao sistema econômico "global". Isso teve importantes efeitos internos em países de todo o mundo: a privatização de setores econômicos, a precarização de leis trabalhistas, e o crescimento das desigualdades.

Também no período pós-guerra, certas organizações internacionais mostraram interesse em trabalhar para manter a paz no mundo e promover a cooperação internacional. Criou-se então a Organização das Nações Unidas (ONU), que vem propondo metas relacionadas à crise climática, à educação e à promoção dos direitos humanos. Essa instituição muitas vezes acaba na mira dos "antiglobalistas", porque acham que ela "ameaça a autonomia das nações".

O "GLOBALISMO" E OS "ANTIGLOBALISTAS"

Olavo de Carvalho (referência intelectual da "nova direita" brasileira) foi um ferrenho "antiglobalista" e crítico da ONU. Para Olavo e aqueles que bebem de suas ideias, como Jair Bolsonaro e seu ministro Ernesto Araújo, hoje existem tentativas de colocar "interesses globais" acima dos interesses nacionais. Como posto acima, isso supostamente prejudicaria a soberania dos países.

Na verdade, Ernesto Araújo vê o "globalismo" como um projeto de governo autoritário mundial, capitaneado pela China e apoiado pela Rússia. Ele acredita que as elites financeiras e políticas ocidentais estão de conchavo com o Partido Comunista da China (PCC), e querem controlar as mentes das pessoas através da mídia, da comunicação, da educação etc. Segundo ele, o Foro de São Paulo (organização

"Globalismo"____

de partidos de esquerda da América Latina) seria um centro desse "globalismo", promovendo interferência criminosa nas eleições de outros países.

Ernesto e Olavo compartilham as ideias de Steve Bannon, antigo assessor e estrategista de Donald Trump. Eles alegam que o povo dos EUA é a principal vítima do "globalismo", e Bannon acredita que o mundo vive uma batalha profunda entre espiritualismo e materialismo. A China lideraria o campo materialista, corroendo as "raízes judaico-cristãs" do ocidente. Como a Rússia supostamente também tem raízes judaico-cristãs (devido à importância da Igreja Ortodoxa), russos e estadunidenses deveriam liderar a luta "antiglobalista" contra a China. Assim a religiosidade cristã, o nacionalismo e o modelo de família tradicional poderiam ser melhor "defendidos".

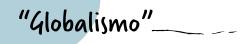
Um curioso contraponto à narrativa de Bannon é o fato de que a Rússia tem seu próprio pensador "antiglobalista". Aleksandr Dugin divide o mundo entre ocidente (globalista) e oriente (espiritual, conservador). Dugin é contra o multiculturalismo, vendo nos EUA (uma nação de imigrantes e com valores liberais) o grande centro do "globalismo", ao qual países do leste como a Rússia e a China devem se opor.

A GUERRA AO "GLOBALISMO"

Ainda que discordem em questões fundamentais, os adeptos do "antiglobalismo" têm pautas em comum. Por exemplo, são contra as lutas feministas e LGBT+, que supostamente procuram "destruir" valores ocidentais. Consideram que as questões ambientais (ou "o climatismo") são táticas para roubar os recursos naturais de outros países. E falam ainda do suposto problema da "imigração desenfreada", que gera misturas raciais, "apagando as diferenças" entre as nações...

Como se combate esse perigoso "globalismo" na ótica deles? Ernesto Araújo recorre a três elementos: a espiritualidade cristã, a família, e o nacionalismo. A espiritualidade cristã caracterizaria o ocidente, diferenciando as nações ocidentais do "materialismo asiático" e do islamismo. Já a família é vista como a unidade básica da nação, característica fundamental do povo brasileiro, hoje "atacada" por "ideologia de gênero", "gayzismo" e "abortismo". Por fim, a retomada do nacionalismo (inclusive exaltando figuras do passado imperial do Brasil) seria crucial para confrontar o projeto "globalista".

A verdade é que as hipóteses da luta "antiglobalista" são reducionistas e baseadas em argumentos seletivos. Ao distorcer elementos fundamentais para a compreensão da história e da realidade geopolítica contemporânea, essa visão pinta as pessoas que simplesmente buscam o respeito a seus direitos humanos como inimigos malignos.



O "GLOBALISMO" EXISTE MESMO?

É inegável que a globalização econômica aumentou desigualdades ao redor do mundo. Enquanto isso, as Nações Unidas têm avançado as discussões sobre direitos humanos e a crise climática. O discurso "antiglobalista" ataca o progresso dessas pautas, alegando uma conspiração global. De forma desonesta, propõe que as pautas das Nações Unidas são a causa da crescente desigualdade. Na realidade o que ocorre são os efeitos do capitalismo neoliberal generalizado.

Os agentes políticos que se opõem ao "globalismo" produzem espantalhos para culpar pelos problemas sociais. "Antiglobalistas" americanos alegam que o "globalismo" é mobilizado contra o ocidente pela China; russos, por sua vez, demonizam os EUA e sua influência imperialista e multiculturalista. A verdade é que suas narrativas inconsistentes servem apenas para incitar medo e ódio, passando pela intolerância religiosa, a LGBTfobia e o racismo.

"Ideologia de gênero"_









@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS

"Ideologia de gênero" _____

USO DO TERMO

A primeira vez que se ouviu falar em "ideologia de gênero" no Brasil aconteceu em julho de 2003. Quem usou a expressão foi um deputado federal do partido PRONA, chamado Elimar Damasceno. Ele afirmou que o termo "gênero" servia para encobrir desvios da conduta sexual. Elimar Damasceno estava reagindo a pautas progressistas, que haviam sensibilizado parte da sociedade para o fato de "gênero" designar o papel desempenhado por um dos sexos, não importando se nasceu homem ou mulher. Ou seja, para o deputado, distinguir "gênero" e "sexo biológico" é fazer "ideologia de gênero".

Depois disso, o termo circulou bastante, principalmente durante os debates sobre o novo Plano Nacional de Educação em 2014. Nesse ano, núcleos religiosos conservadores, associados ao Movimento Escola sem Partido, fizeram campanhas de ataques contra propostas de currículo escolar que incluíssem temas como igualdade de gênero e diversidade sexual.

Esse tipo de campanha continua até hoje. Durante as eleições de 2018, Jair Bolsonaro voltou a falar sobre o "kit gay", termo que ele mesmo tinha inventado em 2011 para atacar propostas de combate à homofobia nas escolas. Segundo Bolsonaro, o verdadeiro objetivo desses materiais era incentivar o "comportamento homossexual", algo associado à tal "ideologia de gênero", que o adversário político, Fernando Haddad, supostamente defendia.

No discurso de posse, em 2019, Bolsonaro afirmou que essa "ideologia" seria combatida pelo seu governo. De fato, tem sido possível notar que muitas de suas propostas políticas repudiam o conceito de "gênero".

DO EXTERIOR PARA O BRASIL

A ideia por detrás de "ideologia de gênero" é antiga. Começou no Vaticano nos anos 1980, quando o Cardeal Joseph Ratzinger criticou o conceito de "gênero" e outras ideias progressistas trazidas pelas feministas. Em 1995, as feministas também veriam o conceito de "gênero" questionado durante o debate na IV Conferência Mundial das Mulheres da ONU em Pequim.

O termo "ideologia de gênero" só foi efetivamente criado perto da virada do milênio na obra *O Evangelho perante a Desordem Mundial*. Este livro foi publicado em 1997 por um padre belga de alto escalão chamado Michel Schooyans. Entre

"Ideologia de gênero" _____

outras coisas, Schooyans defende que o grande objetivo do feminismo seria acabar com qualquer distinção de classe, algo que seria alcançado com o fim das diferenças entre homens e mulheres. Para o padre que inventou o termo, "ideologia de gênero" seria, portanto, um desdobramento da ideologia socialista em sua forma marxista, pois esta defende a luta de classes e a justiça social.

No mesmo ano, um outro livro também associa o feminismo ao marxismo. Tratase de *Agenda de Gênero*, da jornalista conservadora americana Dale O'Leary. Para ela, o conceito de gênero é uma estratégia linguística para esconder um projeto autoritário de "destruição da heterossexualidade" e de redução da população mundial, pois ao se destruir a heterossexualidade também se reduziria a reprodução humana. Após a publicação do livro, os argumentos de O'Leary seriam repetidos quase letra-por-letra em um documento contra a "ideologia de gênero" assinado por bispos peruanos. Esse documento contribuiu muito para a difusão da expressão na América Latina.

No Brasil, assim como resto da América Latina, as campanhas antigênero vêm de lutas mais antigas de oposição ao direito ao aborto. Seu núcleo central é tanto católico (em geral integrista) como evangélico fundamentalista. Mas, ao seu redor também circulam atores não religiosos muito variados: políticos de carreira, empresários, ativistas neoliberais e grupos libertários de direita, bem como militares e grupos fascistas.

Mais recentemente, alguns grupos feministas contrários aos direitos das pessoas trans também têm se posicionado contra a dita "ideologia de gênero". Em geral, o repúdio ao gênero tem funcionado como algo que agrega forças e atores muito diferentes em torno de "inimigos comuns", tais como as feministas e os direitos LGBTQIA+, especialmente das pessoas trans.

PARA CONCLUIR

É preciso entender que a "ideologia de gênero" não tem nada a ver com o que se pensa e se pesquisa no campo de estudos de gênero ou com políticas de igualdade de gênero. O conceito de gênero explica como discursos, práticas e normas, criadas pelas sociedades a partir da diferença sexual biológica, produzem desigualdades. O conceito de gênero não nega o sexo, mas pergunta como a diferença sexual é construída em diferentes momentos históricos e sociedades diversas.

"Ideologia de gênero" _____

Naverdade, quemfalade "ideologia degênero" está buscando desqualificarteorias, leis e políticas públicas que contestam desigualdades, exclusões e violências. Apesar da grande diversidade de grupos que falam de "ideologia de gênero", o repertório a que recorrem é sempre o mesmo. Por exemplo, sempre acusam as feministas e a esquerda de serem autoritárias e de buscarem se impor sobre a sociedade. Só que basta responder a algumas perguntas para ver que tais ideias não são válidas: Um conceito que reivindica igualdade de gênero e respeito pela diversidade sexual pode mesmo ser autoritário e antidemocrático? Imaginar um mundo sem discriminação, exclusão e violência é repudiar a democracia ou impor modos de vida?

A resposta a estas perguntas é "não". Quando buscamos reduzir a desigualdade, a violência e a discriminação o que conseguimos é um maior reconhecimento da complexidade humana. O que promovemos é a abertura de espaços para que as pessoas encontrem seus próprios caminhos em nosso mundo plural.

"Feminismo"_

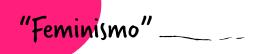








@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS



"A agenda feminista não é sobre direitos iguais para as mulheres. É sobre um movimento político socialista e anti-família que encoraja as mulheres a deixarem seus maridos, matarem seus filhos, se tornarem lésbicas, e por aí vai." (Da página "Anti Feminismo" no Facebook)

No livro *Um teto todo seu*, de 1929, Virginia Woolf escreveu que "a história da oposição dos homens à emancipação das mulheres é talvez mais interessante do que a própria história da emancipação das mulheres". Na verdade, visões antifeministas não mudaram muito ao longo do tempo. Criticam sobretudo as demandas por igualdade de gênero, e chamam as feministas de "feias", "mal-amadas", "masculinizadas", "feminazis".

Estranhamente, tais acusações se intensificaram em uma época na qual muitas mulheres já desfrutavam, ao menos parcialmente, de conquistas feministas, como igualdades no mundo do trabalho, direito a uma vida livre de violência e maior liberdade com sua sexualidade e reprodução.

O "FEMINISMO" COMO CARICATURA

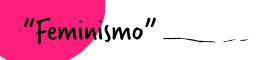
A palavra "feminismo" hoje é centro de polêmicas. Nas redes, há páginas favoráveis onde encontramos várias definições: "Feminismo é ser livre para decidir quem eu quero ser e como agir", "é uma luta de classe, de raça e de gênero", "não é sobre igualdade, é sobre a libertação das mulheres do Patriarcado". Ou seja, o feminismo não é padronizado. Por sua vez, antifeministas simplificam essa diversidade, criando caricaturas grotescas do feminismo.

ALGUNS PILARES DO ANTIFEMINISMO

Nesta seção, apontamos três ideias comuns ao antifeminismo: o binarismo de gênero, a idealização da maternidade e a complementaridade dos sexos.

O BINARISMO DE GÊNERO

Como mostra o historiador Thomas Laqueur, após a Revolução Francesa, os cientistas se dedicaram a apontar obsessivamente as diferenças biológicas entre os sexos. Enquanto a biologia feminina supostamente dá às mulheres uma "natureza" passiva e doméstica, a biologia dos homens explicaria sua "racionalidade" e "liderança". Tais diferenças passaram a ser consideradas naturais e universais, tornando-se "verdades" científicas. Isso levou a sociedade a se organizar de forma binária e hierárquica, com papéis femininos e masculinos fixos e desiguais.



A IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE

Essa visão define a maternidade como função nobre e "sagrada", mas subordinada ao trabalho produtivo realizado pelos homens. As tarefas de gestar, cuidar e educar seriam a "dádiva" das mulheres à humanidade. A isso chamamos *ideologia maternalista*. Esta ideologia é um pilar de governos autoritários. A filósofa italiana Maria Antonietta Macciocchi explica que um ponto comum entre o fascismo italiano, alemão e chileno foi a conexão fundamental entre a "pátria" e as mulheres como "reprodutoras da espécie". Nesses regimes, as mulheres deviam procriar e cuidar de suas famílias para garantir o futuro da nação.

A COMPLEMENTARIDADE DOS SEXOS

Ao final do século XX, a doutrina católica se apropriou de discursos científicos sobre as diferenças biológicas para afirmar a "complementaridade" entre os sexos, ou seja, a mulher foi feita para o homem e os dois se "completam". Para a igreja católica, concepções modernas de igualdade de gênero seriam ameaças à família e à preservação da humanidade. Essa visão foi absorvida por outras forças políticas, inclusive não religiosas.

DISCURSOS ANTIFEMINISTAS NO BRASIL DE HOJE

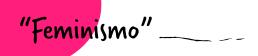
As atuais reações agressivas ao feminismo não questionam o direito das mulheres ao voto, à profissão e à educação — conquistas feministas. Em vez disso, atacam sobretudo o conceito de "gênero", que põe em causa a ideia de que a "natureza" criou dois sexos fixos, radicalmente distintos e complementares.

O FEMINISMO "DESTRÓI A FAMÍLIA"

Teorias de gênero questionam o padrão tradicional de família, que estigmatiza outros arranjos familiares e outras expressões de feminilidade e masculinidade. Daí vem a acusação de que as feministas querem "destruir a família", incentivar a "promiscuidade" das mulheres, o lesbianismo, a "desvalorização" da maternidade, o aborto, a "feminização" dos homens, a "sexualização" das crianças... Essas acusações apelam a emoções e medos, incitando um pânico moral descabido.

O "MIMIMI" FEMINISTA DIVIDE A SOCIEDADE

Para a autora norte-americana Christina Hoff-Sommers, o "feminismo de gênero" fixou a imagem da mulher como vítima. Segundo ela, a igualdade formal entre



homens e mulheres já foi alcançada nos EUA. No entanto, "vitimistas ressentidas" criam dados falsos de violência contra a mulher para alimentar discursos antihomem e divisões sociais. Essa linha de oposição ao feminismo critica leis de ações afirmativas (como cotas para mulheres). No Brasil, tem criticado a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, pois criariam "privilégios" femininos, ferindo a "igualdade" ou mesmo estabelecendo um "machismo invertido".

PARA CONCLUIR

O que é feminismo, afinal? A cientista política Sonia Alvarez, por exemplo, define feminismo como um campo diverso, de alianças e também disputas. Algumas vertentes têm mais visibilidade que outras, mas não há "comandos centrais" impondo uma ideia única.

Mulheres no Brasil e no mundo ainda não têm todos os direitos que reivindicam. Há as que querem abortos seguros e outras que querem condições dignas para serem mães. Se algumas abdicaram da religião, também existem as que debatem as visões de suas igrejas. Muitas querem experimentar formas clássicas de feminilidade, mas sem subordinação.

O feminismo foi criado por e para as mulheres, mas não trata de pensamentos e fazeres políticos voltadas apenas a elas. O feminismo pensa o mundo. Para superar a desigualdade, a discriminação e a violência contra as mulheres, é preciso transformar a sociedade, o que afeta a vida de todos e todas. Por tudo isso, o feminismo continua relevante.

"Linguagem Neutra"_







@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS

"Linguagem Neutra"_____

A "linguagem neutra" é usada para falar de pessoas não binárias, que não se entendem nem como homens nem como mulheres. Por exemplo, "ele" e "ela" viram "ile" ou "elu". "Todos" e "alunos" se tornam "todes" e "alunes." Estas são apenas algumas possibilidades usadas por pessoas não binárias para se sentirem representadas pela língua portuguesa.

Só que estas possibilidades têm criado medo em certas pessoas. Alguns dizem que elas "desfiguram" a gramática do português. Outros temem que as crianças sofram danos graves e sejam doutrinadas a simplesmente trocar de gênero. Este verbete buscará mostrar por que esse pânico não faz sentido.

UM NOVO PROBLEMA ANTIGO

Grupos marginalizados demandam maior visibilidade na língua, pois sentem que a falta de representação linguística contribui para o apagamento deles na sociedade. Por isso propõem que certas palavras e estruturas sejam substituídas por outras que trariam maior igualdade. O nome disso é *linguagem inclusiva*. A "linguagem neutra" é uma forma de linguagem inclusiva, e tem raízes em uma história antiga de lutas...

Ainda na Revolução Francesa, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão foi contestada, pois o texto só falava de homens. Séculos depois, o uso do masculino como genérico continuou sendo criticado por feministas nos Estados Unidos e na França. Segundo elas, usar o masculino gramatical para falar de grupos mistos apaga as mulheres. Embora explicações gramaticais afirmem que o "genérico" já inclui toda população, pesquisas científicas nas áreas da psicolinguística e psicologia têm provado o contrário: ao ouvirem frases como "bom dia a todos", por exemplo, as pessoas tendem a pensar só em homens, dando continuidade ao sexismo.

Como criar então uma linguagem não sexista? Existem três estratégias principais. A mais comum é mencionar a forma masculina e a feminina, como "alunas e alunos." Também dá para usar palavras mais gerais como "pessoas". A última, e mais polêmica, é o uso de novas grafias: "alun@s", "professor_s", "diretorx" etc. Essas formas só aparecem na escrita e causam grande estranhamento, pois fogem da ortografia tradicional.

Com o objetivo de colocar mulheres e homens em pé de igualdade, a linguagem não sexista faz parecer que há somente dois gêneros, apagando as pessoas não binárias. Surge então a "linguagem neutra", "não binária" ou "neolinguagem". Num primeiro momento, pessoas não binárias utilizaram formas que já existiam em

"Linguagem Neutra"____

grupos feministas, como o X e o @. Contudo, é difícil usar elas na fala. Também não são bem lidas por *softwares* para pessoas cegas. Para driblar esses limites, passouse a utilizar a letra "e" como marcador de gênero neutro. "Alunes", por exemplo, se refere a mulheres, homens e a pessoas que não são nem um nem outro.

Em espanhol, inglês, italiano, francês, hebraico e outras línguas, a "linguagem neutra" recebe as mesmas críticas que recebe no Brasil. Dizem que é uma imposição de uma minoria sobre a maioria, que é uma destruição da gramática e da sociedade. Mas não é bem assim.

DESBANCANDO MITOS

A "linguagem neutra" tem preocupado grupos conservadores e levado a tentativas de proibição. Argumentam que ela seria uma estratégia da esquerda para demolir os valores morais do país. Um desses valores é a divisão hierárquica entre homens e mulheres com base em sua biologia; nesse esquema em que cada um fica em seu quadrado, pessoas trans e não binárias não podem existir. A verdade é que esses grupos usam um suposto "amor à língua portuguesa" simplesmente para disfarçar o preconceito contra pessoas trans. Estas pessoas vêem as mudanças na linguagem como o apocalipse, promovido por políticos de esquerda.

Na realidade, não há nenhuma destruição da língua. Pesquisas mostram que o uso da "linguagem neutra" costuma apenas adicionar palavras ao vocabulário das pessoas, sem substituir as formas que já existem. Acontece uma adição de palavras, não uma subtração. Isso é porque o nosso uso da língua é muito contextual: ninguém fala o tempo todo e com todo mundo da mesma forma. A gente altera a nossa fala de acordo com o contexto. A "linguagem neutra" é utilizada por alguns grupos em lugares específicos, especialmente nas redes sociais e em certos contextos acadêmicos e ativistas. A norma culta da língua segue firme e forte, já que é ensinada nas escolas e usada amplamente pela mídia e pelas instituições sociais. Isso não mudaria com o uso de novas formas para contemplar a população não binária; simplesmente aumentaria o nosso repertório de recursos linguísticos.

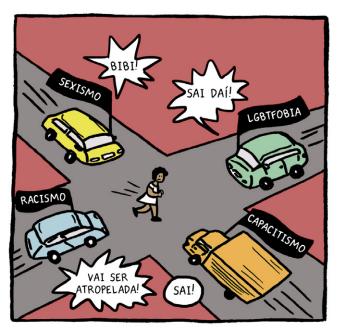
O FIM DO PRECONCEITO?

Em 2022, o Brasil foi, pelo décimo quarto ano seguido, o país que mais mata pessoas trans no mundo. A "linguagem neutra" pode acabar com essa violência? Por si só, não. Também não vai garantir emprego, saúde e habitação dignos para essa população. Mas quem disse que garantiria? Uma pauta não exclui as outras. O acréscimo de palavras e pronomes neutros permite reconhecer a existência de

"Linguagem Neutra"_____

pessoas não binárias, e pode ter consequências reais na vida dessas pessoas se elas se sentirem reconhecidas e acolhidas em suas famílias, no trabalho e na escola. E como a língua é uma parte importante da sociedade, as mudanças numa coisa ajudam a mudar outra.

"Identitarismo"_







@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS

"Identitarismo"_____

Hoje em dia, o "identitarismo" é uma ideia frequentemente repudiada por movimentos políticos tanto de direita quanto de esquerda. Ser chamado de "identitário" pode, inclusive, ser uma ofensa. Mas por quê? Há muitas questões em jogo aí. Para começo de conversa, precisamos falar sobre a história das "políticas identitárias".

LIGAÇÃO COM AS POLÍTICAS IDENTITÁRIAS

A expressão nasceu nos anos de 1970 com o grupo feminista estadunidense *Combahee River Collective*. Por não se sentirem representadas pelo movimento feminista da época, que era majoritariamente branco, as mulheres negras e lésbicas que formaram esse coletivo queriam atenção para grupos políticos de menor visibilidade. Em seu famoso manifesto, elas exigiam que as opressões baseadas em *raça, sexualidade* e *classe* também fossem reconhecidas. Para elas, não era possível separar gênero dessas formas de opressão, pois todas andam sempre juntas.

Desde então, "políticas identitárias" dizem respeito a lutas contra a exclusão de certos grupos da sociedade que são de alguma forma marginalizados e querem a igualdade de direitos. Ainda que não seja simples entender por que essas lutas são alvo de tanta polêmica, podemos destacar o seguinte: igualdade de direitos significa também a revisão de privilégios estabelecidos ao longo da história, em particular durante a colonização europeia. Foi a colonização europeia que definiu, durante muito tempo, o lugar das coisas e das pessoas, seguindo critérios geográficos e categorias como raça, gênero e sexualidade, entre outras. Havia as "pessoas de bem" (uma elite de homens brancos ricos) e "o povo" (o resto, dotados de algum defeito, seja ele de cor, gênero, sexualidade...).

Tal divisão não é nada natural, mas sim o resultado de um treinamento intenso das normas, costumes e condutas impostas pelo "mundo civilizado" ocidental. Estamos imersos nesses valores e hábitos há séculos, pois tais ensinamentos só começaram a serem questionados recentemente. Um momento de virada foram os movimentos estudantis e sindicais europeus na década de 1960, que se consolidaram com a adesão de feministas, de pacifistas, do movimento negro, das comunidades LGBT+ e indígenas. Nos últimos anos, outras ações emancipatórias ganharam destaque com a repercussão de movimentos como o *Occupy Wall Street*, #MeToo e Black Lives Matter.

No contexto brasileiro, as "políticas identitárias" tomaram forma a partir dos anos 1980, com a redemocratização do país. No entanto, entre 2003 e 2016, as

"Identitarismo"____

reivindicações "identitárias" ganharam um protagonismo sem precedentes, virando, inclusive, objeto de políticas públicas. Nesse período, os movimentos "identitários" procuraram entender, por exemplo, o porquê do racismo ter tido ampla divulgação e aceitação na cultura brasileira. Além disso, buscou-se criar a possibilidade de que as minorias ocupassem espaços sociais além dos padrões com que tínhamos sido acostumados — um exemplo disso são as políticas de cotas para a universidade.

As ditas "políticas identitárias" formam um conjunto diverso de demandas por transformações sociais, que perturbam a "ordem" estabelecida e por isso geram medo e desconfiança em algumas pessoas. O bicho-papão do "identitarismo" está justamente ligado a esses sentimentos!

USOS DO TERMO À DIREITA, À ESQUERDA, AO CENTRO...

Como já mencionado, "identitarismo" é um termo que vem sendo usado como crítica às políticas identitárias. Visto que as batalhas identitárias são ainda muito recentes, elas causam agitação em algumas pessoas que precisam de mais tempo para desaprender e reaprender conceitos tratados como "naturais" pela escola, a família e a cultura até então. Estas questões também abalam hierarquias e vantagens adquiridas, causando grande conflito de interesses.

Para alguns, os debates identitários são vistos como "mimimi". Essa desqualificação é típica do jogo político contraditório da extrema direita. Ao mesmo tempo em que repudia as pautas identitárias vinculadas aos direitos humanos, a extrema direita enaltece o identitarismo xenófobo, patriarcal e espiritual, na defesa de "virtudes" civilizacionais como Deus, pátria, família, propriedade...

No discurso político da direita estadunidense existe a visão de que o "identitarismo" cria divisões desnecessárias. Ele impediria o funcionamento do liberalismo como força política unificadora e capaz de corrigir as injustiças sociais. Estas pessoas argumentam que a segurança pública, o desemprego e a cidadania são problemas vividos pela maior parte da sociedade, não apenas pelas "comunidades identitárias". Acreditam na "meritocracia" e acham que as instituições devem garantir a todos, sem exceção, direitos e possibilidades de ascensão social por esforços próprios — o problema dessa ideologia meritocrática é, como sempre, que nunca de fato existiu "igualdade de oportunidades" no mundo real.

O "identitarismo" também é criticado por autoras e autores que se identificam como de esquerda. Muitas dessas pessoas consideram que a "política de identidade"

"Identitarismo"_____

pode levar a visões rígidas e dogmáticas do que seria identidade. Essas visões se imporiam sobre outras, autoritariamente, levando ao predomínio de esteriótipos problemáticos e essencialistas.

O combate ao "identitarismo" está presente à direita, à esquerda, ao centro, ao lado... E o que predomina são excessos e abusos na caracterização do "adversário". Falas como "paulistas são brancos arrogantes, metidos a europeus" ou "pretos têm complexo de inferioridade" fixam o outro em posições que não podem ser transformadas, além de trazerem repercussões sociais. Certamente, os debates sobre as questões identitárias seriam mais saudáveis se existisse menos acirramento e mais tranquilidade no diálogo.

COMO POSSO ME POSICIONAR NOS DEBATES IDENTITÁRIOS?

Avaliando as posições e argumentos, com muita calma. Em primeiro lugar, tratar seres humanos como "naturalmente iguais" esconde práticas de exclusão ligadas a certas categorias sociais. Rótulos como branco, heterossexual, homem — entre tantos outros — separam os indivíduos "plenamente humanos" daqueles "falhos" e, às vezes, "dispensáveis". Reconhecer e respeitar as particularidades identitárias é a melhor estratégia para transformar essa lógica de exclusão.

Desqualificar os projetos identitários enfraquece sua força política. Isso, por sua vez, limita a circulação de histórias e experiências até então desconhecidas ou ignoradas. Reconhecer as diferenças identitárias e as desigualdades resultantes delas não requer consenso nem identificação. Exige, sim, empatia e o entendimento das relações de poder violentas que tratam algumas vidas como se fossem descartáveis.

"Racismo Reverso"_





@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS

"Racismo Reverso"____

Em 10 de fevereiro de 2021, um deputado protocolou uma queixa-crime na Delegacia de Combate a Crimes Raciais e Delitos de Intolerância. A queixa era contra Lumena Aleluia, participante do Big Brother Brasil 21. O deputado denunciou Lumena por "racismo reverso" porque ela usou termos como "desbotada" e "sem melanina" em uma discussão com uma participante branca.

Alguns meses antes, a empresa Magazine Luiza foi denunciada por estar fazendo "marketing de lacração". O motivo: um programa de treinamento para contratação de recém-formados, que seria exclusivamente destinado à população negra.

Esses acontecimentos e os debates que provocaram na sociedade são dois exemplos do suposto "racismo reverso". Mas existe mesmo racismo reverso? O que é? De onde vem essa ideia? Tentaremos responder a essas perguntas.

ORIGENS NORTE-AMERICANAS

No início da década de 70, nos EUA, o termo começou a ser utilizado contra a militância negra. Isso aconteceu ao mesmo tempo que aumentava a luta contra o racismo e o ativismo pelos direitos civis. Exemplos dessa luta são o movimento *black power* (poder negro) e a criação do Partido dos Panteras Negras. Tais movimentos conseguiram começar a alterar as relações raciais nos EUA através de políticas de reparação.

As acusações de "racismo reverso", que surgiram durante o debate sobre questões raciais, são uma reação a esses avanços. O bordão era empregado especialmente para criticar políticas de ação afirmativa (cotas) na esfera trabalhista e educacional, que supostamente discriminariam pessoas brancas.

NAS PAISAGENS BRASILEIRAS

Analisando a frequência de pesquisas Google pelo termo "racismo reverso" no Brasil e nos EUA, verificamos que, lá, o termo foi frequente entre 2004 e 2021. Já no Brasil, os primeiros registros de buscas por "racismo reverso" se deram apenas em agosto de 2013 (Figura 1), e tiveram maior incidência em novembro de 2020 (quando o programa de treinamento do Magalu foi atacado).

A chegada tardia de "racismo reverso" no Brasil pode estar ligada à ideia de "democracia racial", presente no país por muito tempo. A ideia de democracia racial apaga o passado escravocrata do Brasil e políticas para tornar a população mais

"Racismo Reverso"

branca. Críticas a essa visão foram centrais para os movimentos negros no Brasil, resultando em importantes conquistas legais, como o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010).

Em 2004, a Universidade de Brasília (UnB) instituiu um sistema de cotas com base em critérios étnicos e socioeconômicos. Insatisfeito, o partido DEM tentou anular essa medida no Supremo Tribunal Federal. Contudo, o Supremo decidiu manter a política adotada pela universidade. Essa decisão foi fundamental à elaboração da Lei nº12.711, conhecida como a Lei de Cotas. Nela, ficou estabelecido que, até agosto de 2016, toda universidade deveria destinar metade de suas vagas nos processos seletivos para estudantes de escolas públicas, seguindo critérios raciais e sociais.

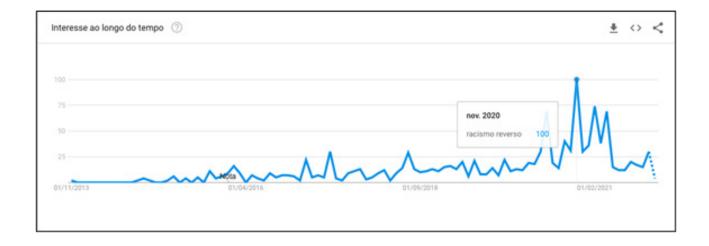


Figura 1. O termo "racismo reverso" no Google Trends (Brasil).

Não é, portanto, coincidência que o termo "racismo reverso" tenha aparecido no universo digital brasileiro em 2014 e não antes. Assim como nos EUA dos anos 70, o sucesso das lutas antirracistas e as consequentes reformas legais abriram o terreno para que o termo fosse cada vez mais usado com tom acusatório.

POPULAÇÃO INDÍGENA E O "PRIVILÉGIO" DAS MINORIAS

O uso sistemático do "racismo reverso" ainda não foi registrado no Brasil como reação às demandas de comunidades indígenas. No entanto, há manifestações da lógica distorcida em que o termo se baseia, quando se trata destes grupos minoritários. Há quem argumente que possuem "privilégios" legais. Por exemplo, em janeiro de 2019, Jair Bolsonaro propôs que a demarcação das terras indígenas fosse transferida da Fundação Nacional de Apoio aos Indígenas (FUNAI) para o Ministério da Agricultura. A alegação era que "mais de 15% do território nacional

"Racismo Reverso"

é terra indígena e quilombola, mas menos de um milhão de pessoas vivem nesses lugares isolados". Desde então o argumento do "privilégio indígena" só ganhou mais força.

PARA CONCLUIR

O termo "racismo reverso" é usado para contestar visões antirracistas e políticas de ação afirmativa. Seu uso produz uma inversão: as pessoas que pertencem ao andar de cima no andaime do racismo estrutural se posicionam como vítimas. Quem acredita no "racismo reverso" não valoriza a luta antirracista, e nega a dominação escravocrata que originou as estruturas racistas atuais.

Segundo a artista e intelectual negra Grada Kilomba, as populações negra e indígena não teriam poder para serem racistas, já que ocupam posições subalternizadas na sociedade. Caracterizar como racismo qualquer reação desses grupos minoritários nada mais é do que uma tentativa de manutenção do racismo estrutural que de fato existe.

Possivelmente, o termo deve continuar sendo usado contra as ações afirmativas na esfera trabalhista e educacional. Inclusive, está previsto que a Lei de Cotas seja revista em 2022. Por isso, é necessário que tenhamos atenção. O "racismo reverso" não é um problema trivial. Ele nega a perversidade histórica do racismo real que o Brasil deve enfrentar.

"(ristofobia"_







@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS



O termo "cristofobia" começou a circular no Brasil pouco após a virada do milênio, e ganhou mais visibilidade em debates políticos relacionados a gênero e sexualidade na década de 2010. Esse verbete procura resgatar as origens desse termo e examinar seus usos nos cenários global e brasileiro.

AS RAÍZES DA PALAVRA

Fobia vem da palavra grega *phobos* (medo). Na descrição da psiquiatria, "fobias" estão associadas a um medo súbito, irracional e incapacitante. O medo é uma resposta natural a perigos reais, mas a fobia é uma reação extrema a perigos irreais.

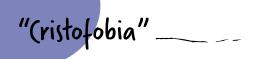
Em 1971, o psicólogo George Weinberg cunhou o termo "homofobia" para descrever a aversão a relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Os termos "cristofobia" e "cristianofobia" surgiriam trinta anos mais tarde, com o objetivo de descrever a aversão à figura de "Cristo" (cristofobia) e às religiões cristãs (cristianofobia).

Um mapa elaborado pela ONG Portas Abertas identifica cinquenta países onde comunidades cristãs de fato são perseguidas em sua posição de minoria. Entre eles estão: Coreia do Norte, Afeganistão, Somália, Líbia, Paquistão, Eritreia, Iêmen, Irã, Nigéria e Índia. O Brasil não está na lista.

HISTÓRICO DOS TERMOS

O aparecimento de "cristofobia" e "cristianofobia" no vocabulário político ocorreu no início do século XXI. É interessante entender os diferentes contextos nos quais isso ocorreu. No começo dos anos 2000, ao mesmo tempo que o campo religioso se tornava cada vez mais forte, as pessoas LGBTQIA+ lutavam também por seus direitos. Isso levou a fortes reações religiosas. Ainda nessa época aconteceu a Guerra ao Terror e a onda de ódio aos muçulmanos, que levou à denominação da "islamofobia".

Em 2003, o termo "cristofobia" foi usado de três formas diferentes. Na primeira, o teólogo e pastor Thomas Bohache usou o termo para descrever, nos EUA, a rejeição que a comunidade LGBTQIA+ sentia em relação às igrejas. Segundo ele, a cristofobia seria uma reação justa e inevitável a doutrinas religiosas que são contra a existência dessas pessoas.



Na segunda, o renomado jurista conservador Joseph Weiler escreve um livro no qual explica que a Europa precisa abraçar suas "origens cristãs" e abandonar a "cristofobia" que o iluminismo criara.

Na terceira, temos um informe da ONU chamado *Difamação das Religiões e esforços globais para combater o racismo: Islamofobia, Antisemitismo e Cristianofobia.* O objetivo deste informe era condenar as violações de direitos humanos decorrentes da crescente "islamofobia" global. O documento também incluiu evidências sobre o crescimento do antissemitismo (discriminação de judeus) e de episódios de violência cristianofóbica ocorridos no Oriente Médio e na Ásia do Sul, onde cristãos são uma minoria.

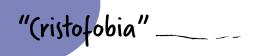
NO BRASIL

No Brasil, os dois termos "cristianofobia" e "cristofobia" existem, mas o segundo é muito mais usado. Popularizou-se, a partir de 2010, com líderes evangélicos como Marco Feliciano e Silas Malafaia, que passaram a usá-lo bastante em seus discursos, sermões, entrevistas e redes sociais. O jornalista Reinaldo Azevedo foi outro grande propagador do bordão. Ele escreveu artigos alegando que o cristianismo é a religião mais perseguida do mundo.

Já o campo evangélico conservador passou a usar o termo como forma de reação aos debates sobre o Projeto de Lei 122/2002, que propunha a criminalização da homofobia. Essa reação foi ainda maior, quando o Supremo Tribunal Federal reconheceu a união civil homoafetiva em 2011.

Em 2015, houve um episódio de grande visibilidade relacionado à "cristofobia". Na 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, a atriz trans Viviany Beleboni encenou o sofrimento de Jesus Cristo. Crucificada, a atriz simbolizava as agressões e violência que a comunidade LGBTQIA+ sofre diariamente. A Associação das Igrejas Evangélicas de São Paulo mobilizou uma ação contra a atriz, pelo crime de "vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso". No mesmo ano, Beleboni sofreu violência física.

No carnaval de 2020, um dos carros alegóricos da escola de samba carioca Mangueira trazia um crucifixo. Nele, estava preso um menino negro com o corpo cravejado de tiros. Contudo, essa representação não causou o mesmo furor que a performance de Beleboni. Isso sugere que a "cristofobia" como acusação é, de fato, seletiva.



PARA CONCLUIR

Faz sentido usar o termo "cristofobia" num país em que a maioria da população é cristã, sendo 50% católicos e 31% evangélicos? Formas de discriminação que levam à violência e à morte, como a homofobia e a transfobia, são realmente equivalentes a críticas ao dogmatismo religioso? O Brasil é um dos países do mundo com maior índice de assassinatos de transexuais, mas não temos notícia de violência letal e deliberada contra pessoas cristãs.

O uso de "cristofobia" no Brasil mascara o extremismo religioso de determinadas correntes cristãs e preserva privilégios. Em 2021, forças ultraconservadoras católicas e evangélicas ocuparam postos chaves no aparato de Estado. Não faz sentido, portanto, descrevê-las como vítimas de cristofobia. O termo faz uma equivalência perigosa entre preconceitos reais e letais, como a homofobia e a transfobia, com uma falaciosa discriminação contra a maioria.

"Patriotismo"_







@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS

"Patriotismo"_____

UMA HISTÓRIA LONGA

Patriotismo vem da palavra grega patriot'es (πατρι'ωτης), carregando o radical patris ("terra natal") que por sua vez vem de pat'er, ou seja, pai. Na Grécia e em Roma, o termo era associado a lealdade à pólis ou à república. Um pouco antes da Revolução Francesa, o pensador Jean Jacques Rousseau associou patriotismo e nacionalismo. Desde então, essas ideias têm sido invocadas por forças políticas e ideologias muito diferentes, e, por isso, também bastante criticadas. O patriotismo-nacionalismo diferencia, radicalmente, "nacionais" e "estrangeiros" e exalta a superioridade de determinadas nacionalidades, raças ou etnias sobre outras. No começo do século XX, o romancista russo Leo Tolstoy dizia que o patriotismo é estúpido por afirmar que um país é melhor do que outros e também imoral porque instiga a guerra e a destruição. Um exemplo recente disso são os ataques do 11 de Setembro de 2001, que estimularam o patriotismo norte-americano e guerras ao "terror".

"PATRIOTISMO" NO BRASIL

Desde que o Brasil se tornou independente, várias pessoas e grupos políticos se voltaram para o patriotismo e o nacionalismo. Por um lado, o patriotismo inspirou o romantismo literário e as lutas abolicionistas do século XIX. Por outro, tornou-se lema das autoridades militares que instalaram o novo regime com um golpe em 1889. Embora o patriotismo e o nacionalismo sejam um traço forte da cultura militar, na primeira metade do século XX também motivaram artistas modernistas, comunistas, socialistas, integralistas e populistas. Entre essas muitas correntes, a que mais se apoiou no patriotismo foi o integralismo.

OS MILITARES

A forte adesão dos militares ao patriotismo é comum a todas forças armadas por terem que defender a integridade territorial. Mas no Brasil, assim como em outros países latino-americanos, essa adesão é ainda mais forte porque as forças armadas se envolveram com a política civil. Antes da Proclamação da República, os militares tiveram papel político crucial na supressão de rebeliões regionais e populares e lideraram muitas disputas políticas até ao golpe de 1964. Suas motivações foram bastante diversas. Tanto pediam reformas políticas e sociais para superar desigualdades e corrupção quanto a defesa da ordem vigente. Em 1964, o golpe militar teve como alvo o "comunismo" e recebeu o apoio dos EUA. O regime então instalado ficou no poder até 1985 e buscou tornar o Brasil uma "potência" semelhante aos EUA. Para ganhar adesão popular a esse projeto, precisou estimular um patriotismo extremo. O slogan da época era "Brasil: Ame-o ou Deixe-o".

"Patriotismo"_____

OS INTEGRALISTAS

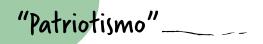
O Integralismo foi criado nos anos 1930 por um pequeno grupo de intelectuais. Entre eles, Plínio Salgado é muito relevante. Depois de ter estado na Itália com Mussolini, voltou ao Brasil encantado pelo fascismo e criou a Sociedade de Estudos Políticos, berço da Ação Integralista Brasileira (AIB). Na sua proposta de regime integralista, os partidos e agentes do liberalismo político seriam substituídos por um sistema estatal hierárquico e corporativo, baseado nos municípios e organizações sociais. A AIB nunca sustentou discursos de supremacia racial em relação às populações negra e indígena, e por isso teve adesão da população negra. As mulheres também foram recrutadas pela organização como sustentáculos da família, da tradição e do cristianismo.

Porém, a AIB considerava legítima a violência política e tinha conexões nas forças armadas. Os integralistas tanto colaboraram com o governo Vargas quanto conspiraram contra ele. Em 1937, uma falsa ameaça de golpe comunista propagada por setores integralistas em associação com militares levou ao Estado Novo e a AIB foi dissolvida. Mais tarde, Plinio Salgado criou o Partido Republicano Popular (PRP) para defender uma "democracia cristã". Desde os anos 1930 também ganharam corpo no Brasil as correntes ultracatólicas, cuja ideologia tinha muitos pontos em comum com o Integralismo. Sua voz mais longeva e expressiva foi Plinio Corrêa de Oliveira, o fundador da hoje extinta Tradição Família e Propriedade (TFP), cujo legado sobrevive no Instituto Plínio Corrêa de Oliveira.

"PATRIOTISMO" NO PRESENTE

Hoje podemos identificar antecedentes dos discursos patrióticos tanto nos desdobramentos do integralismo quanto no âmbito militar. No caso do Integralismo, o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), fundado em 1989 e extinto em 2006, é uma importante conexão com o passado. Outra conexão é a criação do site do Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI) com o lema *Deus, Pátria e Família*, em 1999.

Na noite de Natal de 2019, a produtora Porta dos Fundos foi atacada com bombas caseiras em retaliação ao especial de fim de ano veiculado pela Netflix que parodiava a tentação de Cristo. Em seguida, três pessoas encapuzadas, falando em nome da Família Integralista Brasileira, assumiram o atentado em vídeo divulgado nas redes sociais. Vestiam camisas verdes, com a bandeira integralista ao fundo. Outro exemplo da conexão entre o passado e o presente do "patriotismo" é o lema Bolsonarista "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Este lema deriva do slogan "Brasil



acima de tudo" criado durante a ditadura por um grupo de capitães paraquedistas e que, por sua vez, se inspira no lema nazista "Alemanha acima de tudo". A ele foi adicionado a fórmula "Deus acima de todos" que mobiliza bases eleitorais religiosas conservadoras de hoje e evoca o espírito cristão do Integralismo. "Brasil acima de tudo" também é o lema do Partido Patriota, fundado em 2011.

PARA CONCLUIR

A mobilização "patriótica" ocorrida no 7 de setembro de 2021 teve como objetivo testar os limites das instituições democráticas. E evocou com força as motivações, discursos e bordões dos conservadorismos extremos e fascismos de outros tempos. Mas há algo de novo nas cenas patrióticas do presente: convergências e interseções entre forças religiosas, setores militares e atores neoliberais. Algumas bastante inusitadas e outras até perigosas!

"(idadão de bem"_







"(idadão de bem"____

Na sociedade brasileira, a expressão "cidadão de bem" aparece em conversas informais entre amigos e familiares, em noticiários e até mesmo em campanhas eleitorais. Não se sabe quando surgiu o termo, mas sabemos que, a partir da década de 1970, ele começou a ser usado para distinguir as pessoas consideradas "de bem" dos chamados "bandidos". Só que essa é uma distinção que traduz de forma simplista a realidade da violência e da justiça no Brasil, como veremos neste verbete.

RAÍZES HISTÓRICAS

Na história brasileira, existe um termo antigo com uso parecido ao atual "cidadão de bem". Durante o Brasil Império (1822–1889), uma categoria social muito importante era a dos "homens bons". Essa categoria estava restrita aos grupos privilegiados da sociedade da época: "homens bons" eram homens brancos, ricos e proprietários de terra, católicos, casados e com mais de 25 anos. Naquele tempo, o direito de votar pertencia aos "homens bons" e ao "povo" (os homens livres que viviam do trabalho, sem propriedades), mas somente os "homens bons" podiam ser eleitos e ocupar cargos. Já as mulheres, os escravos, os indígenas e os estrangeiros não tinham esses direitos.

A categoria dos "homens bons" não tem uma ligação direta com a do "cidadão de bem", mas reflete uma concepção hierárquica da sociedade brasileira que se mantém até hoje. Durante a ditadura militar no Brasil (1964–1985) a categoria "cidadão de bem" foi usada para diferenciar apoiadores de contestadores do regime (classificando os contestadores como "subversivos"), e para distinguir a classe média das populações mais pobres.

Quando a criminalidade e a vigilância ganharam destaque no debate social e político no final do século passado, surgiram vários programas policiais de TV com mensagens de rechaço aos direitos humanos. Foi então que nomes como o do Delegado Sivuca, presença constante nessa programação, tornaram popular a expressão "bandido bom é bandido morto".

BRASIL PÓS-2013

A figura do "cidadão de bem" ganhou centralidade e novos contornos no cenário político brasileiro a partir de 2013. Antes utilizada para designar "não criminosos", esta expressão passou a nomear também condutas políticas. Tal como na ditadura, a separação entre "cidadão de bem" e "bandidos" seria usada para opor "direita" e "esquerda", com o objetivo de criminalizar o campo progressista e as pautas inclusivas.

"(idadão de bem"_____

Antes de 2013, a categoria "cidadão de bem" estava associada a alguém de vida "regrada", "trabalhador", "de família" e, geralmente, "cristão". Depois de 2013, esses valores seriam transportados para a esfera pública. Assim, figuras políticas da ultradireita e do campo ultraconservador religioso passaram a propagar, por exemplo, a ideia de que direitos humanos devem ser exclusividade dos "cidadãos de bem", e que esses direitos não poderiam ser estendidos a quem está fora das fronteiras delimitadas pela categoria. O *slogan* "direitos humanos para humanos direitos" resume bem essa visão.

Nas eleições presidenciais de 2022, a figura do "cidadão de bem" possibilitou que pautas e eleitorados muito diferentes se unissem em torno da figura de Jair Bolsonaro; permitiu, por exemplo, que mães conservadoras se unissem a homens jovens armamentistas. As repercussões sociais foram significativas.

BRASIL PÓS-2013

Como mencionado, o uso da categoria "cidadão de bem" na política brasileira está ligado à ascensão da extrema direita ao poder. Mas existem outros impactos:

- 1) A **privatização da esfera pública**, ou seja, quando valores privados e particulares orientam a vida pública. Uma das manifestações disso é a defesa de que a Bíblia (representando uma crença da vida privada) deveria substituir a Constituição (que diz respeito à vida coletiva). E é aqui que reside o perigo da categoria "cidadão de bem" um projeto de sociedade que impõe seus valores e condutas, ameaçando com isso a igualdade, liberdade e pluralidade fundamentais à democracia.
- 2) A **redução do Estado**, isto é, a perspectiva de que o Estado só deve proteger o "cidadão de bem", deixando de fora aqueles que não se enquadram na categoria. Na perspectiva da ultradireita, o Estado é visto como responsável por oferecer supostas vantagens ou privilégios aos que não são "cidadãos de bem": aqueles rotulados como "vagabundos", "bandidos", "esquerdistas". Para esses, caberia apenas prisão e repressão.
- 3) A transformação de adversários políticos em **inimigos internos**. Isso gera uma união entre diferentes segmentos da população, permitindo que políticos de ultradireita promovam ataques violentos contra seus opositores grupos que incluem minorias sociais, mulheres, a população LGBTQIA+, pessoas negras e indígenas.

"(idadão de bem"____

CONCLUSÃO

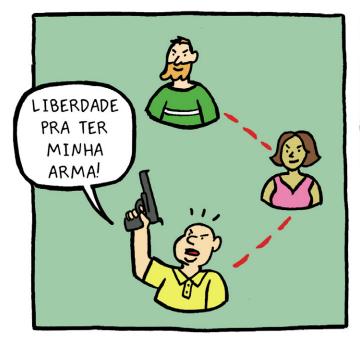
Nos últimos anos, a ideia de cidadão de bem foi central para a ascensão de políticos de extrema direita ao poder, que defendem o "patriotismo", um modelo de família "tradicional" (heterossexual), e valores cristãos ultraconservadores. Mas são várias as contradições que atravessam a figura do "cidadão de bem". Por exemplo, embora a defesa da família possa parecer um valor positivo, ela muitas vezes encobre diferentes tipos de violência. E a "moral" defendida pelo cidadão de bem, com frequência, se traduz em ódio contra as mulheres, pessoas gays e trans e até em violência doméstica.

A ideia de "cidadão de bem" constitui uma fronteira moral que bloqueia debates muito necessários sobre a sociedade, o Estado, políticas públicas e a própria democracia. Quando entendemos isso, devemos nos perguntar: será que a figura do "cidadão de bem" não serve para reproduzir a mesma lógica supressora de direitos que, nos tempos do Império, separava os chamados "homens bons" do resto de nós?

"Liberdade"

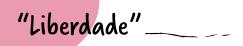








@CAROLITO.HQ + @SXPOLITICS



"Liberdade acima de tudo," foi o que o ex-presidente Jair Bolsonaro afirmou em 2021, ao questionar medidas de incentivo à vacinação em plena pandemia de COVID-19. Segundo Bolsonaro, "quem abre mão da sua liberdade por um pouquinho de segurança acaba ficando sem liberdade e sem segurança". Nesse verbete, vamos explorar como a ideia de liberdade tem sido usada para incentivar o individualismo excessivo, negar direitos ao povo, e mascarar discursos de ódio, opressão e violência contra populações menos privilegiadas.

PANORAMA HISTÓRICO

Liberdade é um conceito sobre o qual a humanidade pensa há bastante tempo. Filósofos como John Locke e John Stuart Mill escreveram sobre ela, e suas ideias sobre a existência de limites para a liberdade eram semelhantes. John Locke introduziu o termo "contrato social", que representa deveres e obrigações da sociedade com o indivíduo e do indivíduo com a sociedade. John Stuart Mill diferenciou a vida pública da vida privada, propondo a ideia básica de que a liberdade individual tem limites baseados nos efeitos que as ações de um cidadão podem ter em outros.

Num geral, teorias clássicas sobre a liberdade (como as acima) tinham como central a figura do "cidadão," o sujeito dessa liberdade individual, pública e política. Porém, essa figura era baseada em critérios de exclusão por classe, raça e gênero, já que somente homens ricos, brancos, letrados e colonizadores eram considerados cidadãos. Já no século 18, pensadoras feministas como Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges interrogaram as distorções dessa concepção de liberdade, defendendo que mulheres mereciam ser livres e que só poderiam ser livres se fossem educadas e independentes economicamente. Com o passar do tempo, ficou cada vez mais evidente como o ideal de liberdade do "contrato social" era excludente, pois restringia a participação de mulheres, raças subalternizadas e povos colonizados na vida pública e política.

DESDOBRAMENTOS MODERNOS

Hoje, estão bastante disseminadas as definições sobre liberdade do teórico Isaiah Berlin. Ele propôs pensá-la em duas faces, uma positiva e outra negativa:

Liberdade negativa = não ter impedimentos ou proibições sobre si.

X

Liberdade positiva = ter o que é necessário para fazer o que se deseja.

"Liberdade"_____

Berlin reconhece a importância da liberdade negativa, mas também reconhece que liberdade absoluta para alguns significa a perda de liberdade para os outros: a liberdade do lobo, ele diz, é a morte da ovelha. Em sociedades complexas, grupos e indivíduos estão conectados entre si. Assim, a liberdade de alguns depende de limitações e regulações sobre outros.

Certos pensadores do século 20 não concordaram com essas ideias. Não queriam mecanismos de regulação social e defendiam a ideia do livre mercado, um pensamento que se chama neoliberalismo. Três fortes nomes foram Mises, Hayek e Friedman. Para esses pensadores, a liberdade das pessoas depende de um mercado livre de intervenções governamentais, pois intervenções do tipo levam à tirania e mazelas sociais.

Os neoliberais são contra o chamado "Estado de bem estar social", as medidas adotadas para remediar os efeitos da 2ª guerra mundial (1939-1945), e defendem o livre mercado como sendo o guardião da liberdade. Eles defendem a liberdade individual em vez do interesse coletivo, que era muitas vezes associado ao comunismo. Como disse Margaret Thatcher: "A sociedade não existe." Para ela e outros ideólogos e políticos do neoliberalismo, existem apenas indivíduos, suas famílias, e o mercado.

UMA LIBERDADE AUTORITÁRIA?

O neoliberalismo se espalhou pelo mundo todo a partir do final do século 20, incentivando a privatização de empresas e de serviços públicos, como saúde e educação. Isso retirou dos governos a responsabilidade por direitos fundamentais. Como resultado, as desigualdades sociais aumentaram e as condições de trabalho pioraram. No começo do século 21, o neoliberalismo passou também a andar de mãos dadas com o ultraconservadorismo religioso e com a extrema-direita que têm atuado através das redes sociais.

Desde a pandemia, as práticas e discursos da extrema-direita estadunidense têm servido de inspiração para radicais no Brasil, como os seguidores de Bolsonaro. A "liberdade" defendida pelo movimento bolsonarista é o que Wendy Brown chama de liberdade autoritária, a liberdade para atacar a igualdade, a diversidade e os grupos historicamente oprimidos. O ódio e a exclusão pregados pelos bolsonaristas misturam, assim, três eixos: a propriedade, a família, e uma distorção autoritária da "liberdade de expressão".

Quanto à família e à propriedade, a ideologia bolsonarista dita que o "chefe de família" tem autoridade total. Ignorando leis como o Estatuto da Criança e do

"Liberdade"_____

Adolescente, esse "chefe" teria "liberdade", por exemplo, para "educar" as crianças fora da escola e até castigá-las fisicamente. O patriarca não seria parte da família, mas sim o dono dela.

Já a concepção autoritária e violenta de "liberdade de expressão" cria pânicos sempre que há discussões e reivindicações de respeito e direitos por populações oprimidas. Se, por exemplo, se discute desigualdade de gênero na escola, a "família" está ameaçada e as crianças "doutrinadas". Se diferenças de gênero, raça e sexualidade vêm a público, as reações de ódio podem tornar-se físicas e até letais, tudo em nome dessa "liberdade".

USOS E ABUSOS

Esses todos são usos abusivos da ideia de liberdade. Como vimos, mesmo entre os pensadores clássicos, estar livre não significa ter zero limitações. É preciso entender a liberdade em relação com outros valores, contextos e pessoas.

Ao contrário do que propõe o neoliberalismo, a liberdade não pode se restringir ao mercado. Ser livre é ser livre em sociedade—ou seja, reconhecendo e buscando superar as desigualdades (de classe, raça, gênero etc.) que moldam o social. Indivíduos, grupos e seus direitos são conectados entre si e dependem uns dos outros: não temos o direito de desumanizar outras pessoas. Se oprime e tira vidas, a "liberdade" para atacar os outros não é liberdade, é apenas uma criminosa prática de ódio.

"Família" _







"Família" _____

No Brasil de hoje, fala-se bastante na defesa da "família natural". Há muito que essa "família" é vista como a fundação primordial da sociedade e uma fonte de valores culturais. Nessa perspectiva, a "família" corresponde geralmente à união de um homem com uma mulher e suas crianças — para muitas pessoas, outros tipos de família e transformações que alterem esse modelo idealizado são considerados ameaças inaceitáveis.

Esse verbete discute a imagem da "família ameaçada" e o fato de ela ser usada como arma política para manter agendas conservadoras e esquemas de opressão e desigualdade.

A FAMÍLIA "NATURAL"

No mundo cristão, a família é entendida como uma instituição de origem divina, e a *reprodução* é um aspecto central — tanto no modelo da submissão da mulher ao homem quanto na ideia mais moderna (porém ainda desigual) da "complementaridade dos sexos". Nos países cristãos, se enxerga a família como base da ordem social. Espera-se que a instituição da família assegure a transmissão da propriedade privada e do prestígio social de geração em geração, além de criar mão de obra para o capitalismo industrial.

Seguindo a linha da família como base da ordem social, é frequente que países sejam descritos como "extensões da família", de modo que a "preservação da família" também se iguale à preservação da nação. Vale lembrar que a palavra *nação*, parente de *nascimento*, já traz a ideia de que "somos uma grande família". Na modernidade, defender e proteger a "família natural" seria mais que um dever moral e religioso: torna-se também uma tarefa política.

FAMÍLIA À BRASILEIRA

Durante o período colonial do Brasil, a "família natural brasileira" foi a família patriarcal da economia açucareira, da mineração do ouro e, sobretudo, do escravismo. A figura central do patriarca tinha autoridade sobre a mulher, as crianças e, abaixo delas, seus escravos e escravas. Esse paradigma patriarcal demorou a perder força, começando a ser abalado somente mais tarde quando a Lei do Casamento Civil acabou com a hegemonia da Igreja.

Mesmo àquela altura, a lei ainda definia o marido como chefe inquestionável da família. Essa norma só seria alterada na segunda metade do século 20, com a constituição de 1988. A nova constituição acabou com o requisito do matrimônio para a formação e reconhecimento legal da família, e legitimou a pluralidade de

"Família" ____

formas familiares ao considerar como família qualquer agrupamento que reúna genitores e descendentes.

Mais recentemente, em 2011, uniões entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser consideradas legítimas pela justiça brasileira. Com o reconhecimento jurídico das famílias LGBT+, o laço biológico como origem das relações de parentesco ficou enfraquecido, e as famílias cada vez mais são reafirmadas como laços afetivos e espaços de ternura, liberdades e garantias individuais.

A "FAMÍLIA AMEAÇADA" E SEUS "DEFENSORES"

Na década de 1990, programas de ação de conferências Nações Unidas reafirmaram a ideia da família como base da sociedade, mas também reconheceram a existência de múltiplas formas familiares. Essa legitimação provocou uma reação conservadora imediata e vigorosa.

A reação foi inicialmente liderada pelo Vaticano, contando com o apoio de países sob sua influência e de alguns estados islâmicos. Com o passar do tempo, essa reação da Igreja Católica teria o apoio de forças evangélicas fundamentalistas e de agentes não religiosos. Por toda parte, essas pessoas têm investido recursos e energia para barrar reformas legais que, na sua visão, ameaçam a família "natural".

O neoliberalismo tem sido um grande aliado dessas forças religiosas. No pensamento neoliberal, as famílias devem substituir os Estados na responsabilidade pelo bem-estar social, a fim de reduzir os gastos públicos. Essas políticas contam muito com as mulheres como principais cuidadoras de crianças, idosos e doentes. A valorização exagerada da esfera familiar também minimiza os laços sociais mais amplos que constituem a sociedade. Margareth Thatcher transmitiu claramente essa visão quando disse: "Não existe essa coisa de sociedade. Existem indivíduos, homens e mulheres, e existem as famílias."

"FAMÍLIA NATURAL" VS. FAMÍLIAS REAIS

Cabe então perguntar: que família está sendo ameaçada? Pesquisas recentes mostraram que, em 2015, a "família tradicional brasileira" (formada por pai, mãe e crianças) correspondia a apenas 42% dos domicílios — ou seja, a maioria das famílias brasileiras não são do modelo "natural". Há cada vez mais famílias formadas por casais divorciados, famílias sem filhos, famílias de mãe solo, e casais do mesmo sexo.

"Família" ____

E os espaços familiares são ainda marcados por muitas desigualdades e violências. Segundo uma pesquisa de 2010, estima-se que 5 mulheres são espancadas a cada dois minutos no país, sendo o parceiro o responsável em mais de 80% dos casos. Em 2022, o país bateu um novo recorde de feminicídios. Registraram-se também cerca de 75.000 estupros, dos quais 60% ocorreram no ambiente familiar. Também foram contabilizados quase 22.500 crimes de maus-tratos contra crianças e adolescentes em contexto domiciliar, um aumento de quase 14% em relação a 2021...

PARA CONCLUIR

A realidade das famílias brasileiras é muito diferente do mito da "família natural" que está supostamente ameaçada. As famílias são muito variadas e suas relações são marcadas por desigualdades e violências relacionadas à grande disparidade social e econômica que caracteriza o país. As vozes que buscam "proteger a família" desconsideram essas situações, apelando somente para um mito idealizado.

Na luta pelo reconhecimento de vários arranjos familiares, a criação de novas relações sociais é importante para transformar a vida das pessoas. Pessoas e sociedade não existem isoladamente: família e sociedade devem ser cuidadas para que todas as relações sociais sejam cada vez mais iguais e, sobretudo, isentas de violência.